

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DOMINIQUE KARINE DOS SANTOS ALVES
JOYCE FARIAS FEITOSA DE LIMA**

HIV/AIDS E ESCOLA: uma revisão de literatura

**MACEIÓ
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DOMINIQUE KARINE DOS SANTOS ALVES
JOYCE FARIAS FEITOSA DE LIMA**

HIV/AIDS E ESCOLA: uma revisão de literatura

Artigo científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

MACEIÓ
2025

DOMINIQUE KARINE DOS SANTOS ALVES
JOYCE FARIAS FEITOSA DE LIMA


HIV/AIDS E ESCOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Artigo científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).


Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 25/11/2025.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JEANE FELIX DA SILVA
Data: 09/12/2025 14:42:03-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva - Orientadora
Examinadora 1 - Presidente

Documento assinado digitalmente
 SUZANA MARCOLINO
Data: 01/12/2025 19:43:02-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Suzana Marcolino (Cedu/Ufal)
Examinadora 2

Documento assinado digitalmente
 JORDANIA DE ARAUJO SOUZA GAUDÊNCIO
Data: 01/12/2025 11:28:26-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Jordânia de Araújo Souza Gaudêncio (Cedu/Ufal)
Examinadora 3

Maceió - AL
2025

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que nos deu forças e iluminou nossos caminhos, pela força e fé que foi nosso sustento em cada momento dessa longa jornada acadêmica, sem ele nada disso teria sido possível.

Nossa gratidão aos nossos pais que foram o pilar no nosso caminho, sempre incentivando, apoiando e lutando pelos nossos objetivos. A vocês nosso eterno carinho, pois não chegaríamos aqui sem nossos pais.

Dedicamos este trabalho aos nossos amados avós maternos e paternos (*In Memoriam*). Eles são a raiz da existência de nossos pais e, sem essa base e o apoio que sempre nos foi dado, este trabalho e muitos dos nossos sonhos jamais se concretizariam.

Ao marido da Joyce, Andresson, gratidão por ser o porto seguro da mesma em cada etapa e por ser o seu incentivador e grande apoiador.

A nossa orientadora, Jeane Félix da Silva, deixamos o nosso profundo agradecimento pela paciência, pelos conselhos, pelo apoio e pelos ensinamentos. Sua dedicação foi essencial para a realização deste trabalho, e sua orientação marcou profundamente nossa formação.

Agradecemos a nossa banca examinadora, a qual fizeram parte da nossa formação acadêmica, cada aula e cada incentivo que vocês nos deram deixaram uma marca na nossa vida acadêmica e pessoal, desejamos ser um pouco do que vocês foram para nós.

Aos professores que fizeram do curso um momento único e gratificante, o nosso muito obrigada pela dedicação, os ensinamentos, as aulas e os momentos que construímos ao longo do curso. Nosso agradecimento àqueles professores que acreditaram em nós e com amor nos ensinaram.

E agradecemos uma à outra pela amizade que a Universidade deu, pelo companheirismo, pela paciência, pelos momentos bons e ruins, além disso pelo apoio mútuo. Gratidão pela jornada que construímos e vivemos juntas

Por fim, agradecemos a todos que, de alguma forma, contribuíram para nossa conquista: professores, familiares, amigos e aos alunos que conhecemos ao longo do nosso curso. Agradecemos também à Universidade Federal de Alagoas, que fez parte dessa construção tão importante na nossa vida.

HIV/AIDS E ESCOLA: uma revisão de literatura

Dominique Karine dos Santos Alves
dominiquekarined@gmail.com

Joyce Farias Feitosa de Lima
joycefeitosal@gmail.com

Profa. Dra. Jeane Félix da Silva
(Orientadora)
jeane.silva@cedu.ufal.br

RESUMO

Apesar de ser considerado um quadro crônico, o HIV/Aids continua sendo um tema de preocupação no contexto da saúde pública. Segundo o Ministério da Saúde (2023), em 2022, 41% dos novos casos de HIV no Brasil foram em jovens de 15 a 29 anos e 23,4% dos diagnósticos que ocorreram no mesmo ano foram de jovens entre 15 e 24 anos. Esses dados indicam para a importância de ações de prevenção ao HIV/aids junto à população de adolescentes e jovens, muitos dos quais estão presentes nas escolas. Diante disso, o presente artigo tem como foco uma revisão da literatura sobre HIV/aids no contexto escolar. A metodologia consistiu em uma revisão de literatura de natureza qualitativa, com coleta de dados produzida por meio de plataformas científicas como *SciELO* e *Periódicos Capes*, considerando publicações em língua portuguesa realizadas nos últimos dez anos. Os resultados evidenciam o papel da escola na promoção de ações de prevenção, sendo necessário a inclusão em seus currículos das temáticas da promoção da saúde, especialmente, HIV/aids. Constatou-se, por fim, a ausência de abordagens educativas sobre prevenção do HIV/aids e promoção de saúde em sala de aula, mesmo sendo a escola um espaço privilegiado para a formação cidadã. Com isso, identificou-se a possibilidade de intervenções educativas que favoreçam o exercício pleno dos direitos das crianças e dos cidadãos em geral.

PALAVRAS-CHAVE: HIV/aids; escola; prevenção ao HIV/Aids; promoção de saúde.

ABSTRACT

Despite being considered a chronic condition, HIV/AIDS remains a matter of concern in the context of public health. According to the Ministry of Health (2023), in 2022, 41% of new HIV cases in Brazil were in young people aged 15 to 29, and 23.4% of diagnoses that occurred in the same year were in young people aged 15 to 24. These data indicate the importance of HIV/AIDS prevention actions among the adolescent and young adult population, many of whom are present in schools. Therefore, this article focuses on a literature review on HIV/AIDS in the school context. The methodology consisted of a qualitative literature review, with data

collected through scientific platforms such as SciELO and Capes Journals, considering publications in Portuguese from the last ten years. The results highlight the role of schools in promoting prevention actions, making it necessary to include health promotion themes, especially HIV/AIDS, in their curricula. Finally, it was found that there was a lack of educational approaches to HIV/AIDS prevention and health promotion in the classroom, even though school is a privileged space for civic education. This highlighted the possibility of educational interventions that promote the full exercise of the rights of children and citizens in general.

Keywords: HIV/AIDS; School; HIV/AIDS prevention; Health promotion.

1. INTRODUÇÃO

A epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), desde seu surgimento, em meados da década de 1980, trouxe consigo grandes desafios especialmente porque trata-se de uma síndrome associada a comportamentos e sobre a qual era (continua sendo) importante aprender a prevenir. Nesse contexto, a escola se configura como um espaço para a abordagem desse tema, uma vez que “tem a responsabilidade de educar e preparar os adolescentes para a educação integral, o que inclui atuar com ações voltadas para a educação sexual”, a qual inclui ações de prevenção ao HIV/aids, “pois as informações existentes nas mídias são insuficientes para o comportamento do sexo seguro” (Corrêa; Corrêa, 2013, p. 53).

Embora os avanços científicos tenham ampliado o acesso ao tratamento antirretroviral e à testagem precoce, o estigma e o preconceito associados ao vírus ainda persistem, inclusive nos espaços escolares, que deveriam ser ambientes de acolhimento, informação e inclusão das pessoas vivendo com HIV/aids. Contudo, esse tema ainda é pouco abordado nas escolas, especialmente no tocante à vida com HIV. Segundo Félix (2012, p.25) “a aids era tratada nas escolas apenas pelo viés da prevenção de novas infecções”, sendo a “soropositividade e [a] vida com HIV/aids [...] temas praticamente invisíveis nos espaços escolares”. Dessa forma, evidencia-se que a abordagem educacional sobre esses temas, no recinto escolar, limitada, reduzida à prevenção, sem contemplar de forma efetiva as informações sobre soropositividade e a realidade das pessoas que vivem com o vírus (Félix, 2012).

A escola, como espaço formativo, é um ambiente para a promoção de saúde, cidadania e direitos humanos. Nesse contexto, as instituições educativas podem assumir um papel de disseminação de informações sobre o HIV/aids, na promoção da saúde e na formação de consciência crítica entre estudantes, professores/as e famílias. Conforme Valadão (2004, p. 100):

o caminho da educação popular em saúde, fundado nas idéias de Paulo Freire, tem como eixo central a conscientização da cidadania, tomando em conta que a potencialidade maior de intervenção da escola na saúde da população estaria precisamente no trabalho de conscientização dos indivíduos quanto aos seus direitos e deveres enquanto cidadãos, possibilitando a ruptura do papel histórico da educação como legitimadora das injustiças e desigualdades sociais.

Nessa mesma perspectiva, Freire (2002, p. 20) afirma que “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”, reforçando o papel da escola como promotora de diversidade e dos direitos humanos. Assim, mais do que um espaço de aprendizagem, a escola é um ambiente que precisa desenvolver a consciência crítica, combater a desinformação e valorizar a diversidade humana, contribuindo para a redução de preconceitos e estigmas.

No entanto, muitas instituições de ensino ainda enfrentam barreiras para abordar sobre o tema de forma pedagógica. Um dos principais entraves está na falta de formação continuada dos/as profissionais da educação para atuar com temas como sexualidade e HIV/aids na escola. Outro desafio é o moralismo em torno da abordagem desses temas, o que dificulta o trabalho educativo, tão importante para preparar adolescentes e jovens para lidar com essas questões em suas vidas. Isso ocorre porque, nos últimos anos, movimentos conservadores de direita, ligados ao neoliberalismo e neoconservadorismo, crescem no Brasil com discursos moralistas e religiosos, combatendo pautas progressistas, defendendo que temas como gênero, diversidade e machismo não devem ser discutidos nas escolas, pois seriam responsabilidade exclusiva das famílias (Maio, Oliveira e Peixoto, 2020).

O interesse pelo presente tema surgiu a partir de provocações realizadas em sala de aula por um professor, que manifestou entusiasmo sobre a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso com a temática do HIV/aids. A breve discussão inicial nos instigou a explorar o assunto, especialmente no contexto da educação. Em diálogo com o docente, fomos orientadas a buscar mais informações, buscando uma aproximação com a área da educação o que fortaleceu o interesse em analisar

como o HIV/aids se relaciona com o ambiente escolar e de que maneira a escola pode assumir um papel na prevenção e no combate ao estigma.

A relevância deste tema se justifica pela necessidade de fortalecer o papel social da escola como ambiente de transformação, inclusão e combate a todas as formas de preconceito. Assim, ao promover reflexões sobre o HIV/aids por meio da revisão de literatura, buscamos dar destaque e visibilidade à temática no contexto do nosso curso.

A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica, pautada na leitura, seleção e análise de artigos científicos que abordam o HIV/aids no contexto educacional. Essa abordagem permite reunir e interpretar contribuições de diferentes autores/as, promovendo um diálogo crítico entre as diferentes concepções.

A organização do artigo está dividida em cinco seções. Esta primeira seção, nomeada de “Introdução”, apresenta o tema, os objetivos e a justificativa da pesquisa; a segunda seção discorre sobre os conceitos que fundamentam teoricamente o trabalho; na terceira seção, nomeada “Metodologia”, abordamos a forma como a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida; na quarta seção, “Resultados e discussões”, são apresentados os resultados da pesquisas; na última seção, apresentamos as “Considerações Finais” deste trabalho, ressaltando o papel fundamental da escola na abordagem da temática estudada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola, como espaço social e educativo, além de ser o espaço oficial para disseminação do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, se configura como um ambiente de convivência, formação de valores e desenvolvimento humano. Como afirma Valadão (2004, p. 22), “a escola, da mesma forma que todos os espaços-ambientes nos quais transcorre a vida, representa um cenário de promoção da saúde na medida em que as políticas educacionais que nela se concretizam têm implicações sobre o bem-estar individual e coletivo”.

De acordo com a Constituição Federal (Brasil, 1988, Art. 196), “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e

recuperação”. Nesse sentido, a saúde deve ser compreendida como um direito de toda população brasileira, abrangendo desde a prevenção de doenças até a garantia de uma boa qualidade de vida. É nesse aspecto que a escola pode contribuir, informando sobre formas de prevenção de doenças e agravos, ensinando sobre cuidados e promovendo saúde.

Valadão (2004, p. 24-25) apresenta um conjunto de características que definem uma escola promotora de saúde:

- compreende e aplica um conceito de saúde apoiado na interação dos determinantes físicos, psíquicos, sócio-culturais e ambientais;
- atua no desenvolvimento de uma visão crítica da saúde por parte de alunos, professores e toda a comunidade escolar;
- promove um ambiente saudável e que favorece a aprendizagem, tanto nas salas de aula como nas áreas destinadas ao recreio, nos espaços em que se prepara e é servida a merenda, nos banheiros e em todo o prédio escolar;
- valoriza a promoção da saúde para todos os que estudam e trabalham na escola;
- reforça o desenvolvimento de estilos saudáveis de vida e oferece opções viáveis e atraentes para a prática de ações que promovem a saúde;
- favorece a participação ativa dos alunos e dos educadores na elaboração do projeto de educação em saúde, buscando estabelecer inter-relações com o projeto político pedagógico (Valadão, 2004, p. 24-25).

Esses elementos apontam para uma escola que não apenas ensina sobre saúde, mas que vive a saúde em sua estrutura, cultura e práticas. Além disso, a autora destaca que:

a promoção da saúde na escola vem sendo apresentada como estratégia para diminuir custos, prevenir a evasão escolar, melhorar a relação professor/aluno, fazer com que ocorram menos problemas na escola, melhorar a performance acadêmica dos alunos, diminuir a necessidade de referência a outros profissionais, melhorar as relações entre as crianças e seus pais, entre outros incontáveis benefícios (Valadão, 2004, p. 53).

Sob essa perspectiva, a escola torna-se um espaço fundamental não apenas na construção de conhecimento, mas também no desenvolvimento social, na autonomia, na solidariedade e na cidadania. Conforme Freire (1996), a educação deve estar a serviço da autonomia e da humanização, possibilitando que os sujeitos se percebam como capazes de transformar sua realidade. Valadão (2004, p. 115), nessa direção, reforça essa ideia ao afirmar que “a promoção da saúde na escola pode constituir-se em caminho para a construção de um conhecimento-emancipação”, evidenciando que saúde e educação são dimensões inseparáveis e que promovem um ambiente de emancipação e diálogo.

A atual política curricular brasileira, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017) inclui, entre suas competências gerais, a responsabilidade e o cuidado consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente, validando a abordagem de temas da saúde, no contexto escolar. Quando trabalhadas de forma contextualizada e interativa, os temas da saúde contribuem para a formação de cidadãos/cidadãs críticos/as, conscientes e comprometidos/as com a coletividade.

Um exemplo dessa articulação é a habilidade EF07CI09, que orienta os/as estudantes a:

Interpretar as condições de saúde da comunidade, cidade ou estado, com base na análise e comparação de indicadores de saúde (como taxa de mortalidade infantil, cobertura de saneamento básico e incidência de doenças de veiculação hídrica, atmosférica entre outras) e dos resultados de políticas públicas destinadas à saúde (Brasil, 2017, p. 347).

Essa habilidade demonstra que a saúde pode ser abordada de forma transversal, no interior de diversas disciplinas e vinculando o aprendizado à realidade dos/as alunos/as. Observamos que a BNCC possibilita a inserção de discussões sobre a saúde no currículo escolar, relacionando o aprendizado com a realidade dos/as alunos/as. Todavia, não há indicações explícitas sobre a abordagem de gênero, sexualidade e HIV/aids no documento, o que fragiliza o trabalho educativo escolar com essas temáticas.

De acordo com Paraíso (2023, p. 140), “a retirada de todas as referências a gênero e sexualidade do documento, feitas na última versão da BNCC, são retrocessos, inclusive se comparados aos PCN [Parâmetros Curriculares Nacionais], implementados em 1997”. É importante ressaltar que o trabalho educativo sobre saúde na escola não pode abrir mão de tratar de questões de saúde sexual e reprodutiva, as quais incluem debates sobre gênero e sexualidade, sem as quais não é possível tratar de prevenção ou vivências com HIV/aids, pois são dimensões sociais da saúde.

Além disso, os/as professores/as não possuem formação adequada para abordar essas questões nas escolas, seja pela ausência de disciplinas específicas nas licenciaturas (como, por exemplo, Educação Sexual), seja pela escassez dessas discussões nos processos de formação continuada. Para Soares e Goi, (2025, p. 5), “ muitos professores iniciam a carreira sem nunca terem discutido, em

sua formação inicial, metodologias para abordar educação sexual ou prevenção de drogas, por exemplo”.

Soares e Goi (2025) ressaltam que muitos/as professores/as reconhecem a importância de trabalhar temas relacionados à saúde no ambiente escolar, especialmente no que diz respeito à educação sexual. No entanto, encontram obstáculos decorrentes da ausência de recursos pedagógicos adequados para a temática e de uma formação continuada. Nas palavras de Soares e Goi (2025, p. 16) “os professores confirmam a importância da educação sexual na escola, listando conteúdos chave e valorizando o diálogo aberto, mas revelam necessidades de apoio pedagógico e formativo”.

No contexto específico do HIV/aids, cabe à escola o papel fundamental de promover os conhecimentos, promover debates acolhedores e inclusivos e informar sobre prevenção e sobre a vida com HIV/aids, incentivando o respeito, o diálogo e o acolhimento, impulsionando a luta contra o estigma que afeta pessoas que vivem com HIV. Ao atuar como mediadora desse processo, a escola contribui para a formação de sujeitos conscientes, empáticos e comprometidos com a justiça social.

Como afirma Paulo Freire (2002, p. 21), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, de modo que a escola é um recinto de formação dos seres humanos, a qual os educandos podem ser protagonistas da sua narrativa. Nessa perspectiva, a escola precisa abrir espaço para discutir temas como HIV/aids, não apenas do ponto de vista biológico, mas também abordando questões sociais, culturais e afetivas que envolvam o tema, incluindo os estigmas e preconceitos que ainda persistem.

Ao promover debates sobre o HIV, a escola cria oportunidades para ampliar conhecimentos, tirar dúvidas e combater preconceitos enraizados nas práticas sociais e até no ambiente familiar. Para Freire (1987), o objetivo final da educação é a humanização, pois os seres humanos têm uma vocação histórica para o “ser mais”, ou seja, para o desenvolvimento pessoal e coletivo, em solidariedade com os outros. De acordo com o autor, a escola só assume um papel emancipador quando se torna espaço de resistência e libertação, possibilitando aos/as educandos/as refletirem criticamente sobre sua condição social e lutarem por sua autonomia, dignidade e humanização.

Voltando à importante abordagem educativa do HIV/aids nas escolas, é importante considerar que muitos/as adolescentes iniciam sua vida sexual cedo. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE (IBGE, 2021), 35,4% dos/as estudantes entre 13 e 17 anos tiveram pelo menos uma relação sexual em 2019, sendo 39,9% meninos e 31% meninas. Cabe destacar que 36,6% desses/as adolescentes tinham 13 anos ou menos na sua primeira relação sexual. Esses dados indicam que uma parte considerável de nossos/as estudantes iniciam a vida sexual muito cedo, o que torna urgente a discussão sobre prevenção do HIV, de gravidez não planejada e outros temas relativos à saúde sexual e reprodutiva, no ambiente escolar.

A adolescência é uma fase marcada por curiosidades, inseguranças e mudanças corporais que, muitas vezes, não são discutidas abertamente com as famílias. Nesse cenário, a escola pode se tornar um espaço seguro e confiável para o diálogo, oferecendo informações corretas, além de ser um espaço para acolhimento, na perspectiva da educação em saúde. Como destaca Valadão (2004, p. 108-109), “a educação em saúde, a garantia de entrada nutricional, a informação, a aquisição de conhecimentos, a formação de hábitos e atitudes [...] permanecem sendo tarefas da escola que deseja promover a saúde”. Assim, o/a professor/a assume um papel estratégico na mediação desses saberes, atuando como agente de prevenção e conscientização.

A prática pedagógica voltada à prevenção do HIV deve contemplar, entre outros aspectos, as formas de prevenção e de contágio, bem como os aspectos da vida com HIV, visto que a timidez ou vergonha de procurar lugares com fontes confiáveis e com profissionais com competência para essa área, aumentam o risco da procura por fontes não confiáveis. Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, pois boa parte de sua vida se passa dentro da escola. No Brasil, a educação é um direito para todas as pessoas e se desenvolve mutuamente conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Art. 53, que afirma que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: [...]” (Brasil, 1990).

A abordagem educativa do HIV/aids nas escolas deve ser feita de forma interdisciplinar, crítica e sensível, na perspectiva da promoção da saúde. Como afirma Valadão (2004, p. 115), “a promoção da saúde na escola pode constituir-se

em caminho para a construção de um conhecimento-emancipação.” Isso significa que, ao discutir o HIV/aids com os/as alunos/as, os/as professores/as não apenas compartilham informações, mas também promovem a autonomia e a consciência cidadã. A promoção da saúde na escola, como destaca Valadão (2004, p. 81), busca “promover a equidade no acesso à educação e à atenção à saúde.”

3. METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma revisão de literatura que busca refletir sobre a relação entre HIV/aids e o ambiente escolar. A pesquisa tem abordagem qualitativa, desenvolvida por meio da pesquisa bibliográfica.

Para Munhoz e Noleto (2024, p. 2), a “abordagem qualitativa enfatiza a subjetividade, a interpretação e a complexidade dos eventos estudados, buscando capturar a riqueza e a diversidade das experiências humanas”. Segundo as autoras, “essa abordagem valoriza a flexibilidade e a abertura para novas descobertas, permitindo que os pesquisadores ajustem seus métodos e direcionamentos à medida que avançam na investigação” (Munhoz e Noleto, 2024, p. 2).

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, é definida por Severino como sendo:

aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p. 122).

O levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e *Periódicos Capes*, na busca por artigos publicados nos últimos 10 anos, em língua portuguesa. Os termos utilizados para a busca foram: HIV/aids e escola, HIV/aids e educação; prevenção e HIV/aids; HIV/aids, educação e prevenção. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica nas plataformas informadas, observando os seguintes critérios de inclusão: artigos que abordam a importância da escola na prevenção do HIV/Aids; artigos na área da Educação; disponibilidade de acesso completo aos artigos; artigos em língua portuguesa; publicações dos últimos 10 anos. Após a etapa da busca inicial, realizamos uma leitura dos títulos e resumos para verificar a

relevância para a nossa pesquisa. Em uma segunda etapa, fizemos a leitura dos artigos completos para confirmar sua pertinência.

Os critérios de exclusão foram: trabalhos que não abordam a relação entre escola e HIV/aids; aqueles que apresentavam problemas de acesso (página eletrônica apresenta erro, impossibilitando acesso ao conteúdo completo ou estava indisponível); artigos duplicados, indisponíveis, com acesso restrito ou disponibilizado apenas o resumo.

Na plataforma *Scielo* com as palavras-chave (*HIV/aids; escola*), a busca inicial resultou em 25 estudos. Aplicando os critérios de inclusão já mencionados, a busca foi reduzida para 6 resultados. Após leitura completa, os 6 artigos foram excluídos das nossas análises. Em seguida foram utilizadas as seguintes palavras-chave (*HIV/Aids AND educação AND prevenção*). Essa busca resultou em 29 estudos. Com aplicação dos filtros, todos os trabalhos foram excluídos de nossas análises.

No *Periódicos Capes*, a busca realizada com as palavras-chave (*HIV/AIDS; escola*) resultou inicialmente em 1.011 estudos. Com a aplicação do filtro artigos, ficaram 952 artigos. Ao delimitar para produção nacional, o número foi reduzido para 814. Com a aplicação do filtro de idioma português, obtivemos 457 resultados. Logo depois foi feita a delimitação pela área de conhecimento, Ciências Humanas, a qual restaram 229 artigos. Aplicamos também o filtro de acesso aberto, com o qual foram selecionados 216 artigos. Por fim, foi realizado o período de publicação entre 2015 e 2025, que reduziu a busca para 111 resultados. Após leitura dos títulos e resumos, restaram 2 artigos para compor as análises.

Na busca com as palavras-chave *HIV/Aids; educação; prevenção* não obtivemos resultado. Sendo assim, optamos por combinar com o operador booleano (AND), assim resultou em 922 resultados. Para delimitar, colocamos no escopo da busca, título, assim ficaram 237 resultados. Em seguida, com a aplicação de todos os filtros, apenas um foi considerado para as análises nesse artigo.

Além disso, o resultado de três artigos se deu pela ausência de produção científica sobre HIV/aids e escola na área da Educação, a qual se torna um limite para a pesquisa na área, assim observamos a importância de se continuar pesquisando a temática para se aprofundar na área. No total, considerando as palavras-chave e os filtros utilizados, restaram para a nossa análise três artigos, apresentados a seguir, na Tabela 1:

Tabela 1: Trabalhos Mapeados

Título	Autores(as)	Periódicos	Ano de Publicação	Link do Artigo
O paradoxo do planejamento das ações para a prevenção do HIV/AIDS em uma escola pública	Tiago Sousa Paiva, Márcia Rosa da Costa, Morgana Thaís Carollo Fernandes, Camila Neumaier Alves, Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira	Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social	2020	https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W3002529337
A construção da demanda e a interação de profissionais em ações educativas do Programa Saúde na Escola	Tiago Sousa Paiva, Andressa Marques Cornelli, Carolina Feijó Bitencourt Voigt, Márcia Rosa da Costa, Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira	Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento	2020	https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W3047907108
Jogo De Tabuleiro Como Dispositivo De Informação Sobre Hiv/Aids Para Idosos	Priscila de Oliveira Cabral Melo, Wilson Abreu, Aline Rodrigues Feitoza, Aglauvanir Soares Barbosa, Ryanne Carolynne Marques Gomes Mendes, Elizabeth Teixeira, Tatiane Gomes Guedes	Cogitare Enferm	2022	https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&source=all&id=W4220707416

Fonte: dados da pesquisa, 2025.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola, como espaço privilegiado de formação cidadã, tem um papel importante na promoção de saúde e na prevenção de doenças, incluindo o HIV/Aids (Valadão, 2024). Os artigos mapeados apontam convergências sobre três eixos centrais: a importância do contexto e da participação na construção dos programas, a fragilidade da formação e do suporte aos/às profissionais e o potencial das tecnologias educativas cuidadosamente validadas, quando testadas em campo.

Assim, os resultados e discussões de nosso trabalho foram organizados a partir da análise de cada um dos artigos. Passamos às análises.

4.1. Análise do Artigo 1 - “O paradoxo do planejamento das ações para a prevenção do HIV/AIDS em uma escola Pública”

O artigo de Paiva *et al.* (2020), intitulado “O paradoxo do planejamento das ações para a prevenção do HIV/AIDS em uma escola Pública” evidencia a distância entre o planejamento das ações e a sua efetiva promoção da saúde: existe um planejamento formal para a prevenção do HIV/Aids, mas estes, frequentemente não se traduzem em práticas participativas, pois não se conectam com o cotidiano dos/as alunos/as. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com 6 profissionais da Estratégia de Saúde da Família envolvidos com ações educativas em uma escola pública, o que permitiu identificar aspectos importantes sobre a relação entre saúde e educação no contexto escolar.

A pesquisa observou que as atividades e o seu planejamento, por ser realizado por profissionais da saúde, sem articulação com a escola, apresenta uma desconexão entre os materiais educativos utilizados e a realidade dos/as estudantes. Como afirmam Paiva *et al.* (2020, p. 1), “os materiais e conteúdos utilizados não dialogavam com a realidade dos estudantes, pois traziam valores distintos da comunidade”. Essa desconexão se dava por meio dos conteúdos padronizados, distantes da linguagem e vivência dos/as estudantes, o que compromete a eficácia das ações.

O artigo também aponta a ausência da participação da comunidade escolar no processo da construção das atividades. O planejamento é descrito como unidirecional, ou seja, não valoriza as vozes dos/as estudantes e professores/as. Essa perspectiva é distante daquela que defendemos, a qual compreende que a escola e seus sujeitos precisam ser ativos em tudo o que acontece em seu espaço. Como destacam os/as autores/as, “a escola e os professores poderiam também empoderar-se deste saber ou colaborar numa ação educativa de prevenção, pois possuem saberes sobre práticas educativas, sobre os alunos, sobre a realidade dos mesmos e da escola” (Paiva *et al.*, 2020, p. 7).

Outro ponto relevante é a crítica, feita pelos autores/as, à falta de articulação entre os setores de Saúde e Educação. Apesar da existência de programas como o Programa Saúde na Escola (PSE), a integração entre os/as profissionais da saúde e a escola ainda se encontra frágil. Os/as autores/as afirmam que “é necessário que os educadores planejem momentos de educação em saúde que dialoguem com a

realidade e o contexto dos educandos e que as ações sejam construídas com a participação da comunidade escolar” (Paiva *et al.*, 2020, p.1), reforçando a importância das práticas pedagógicas contextualizadas e participativas, protagonizadas pelos sujeitos da escola.

O texto indica que a escola deve ser reconhecida como espaço estratégico para a promoção da saúde. Conforme afirmam os/as autores/as:

a escola é um espaço privilegiado para a realização de práticas educativas, por se tratar de um local para o estabelecimento de relações intersubjetivas favoráveis à promoção da saúde e possível de construir respostas para situações desafiadoras para a sociedade (Paiva *et al.*, 2020, p. 2).

Portanto, quando articulada de forma participativa e contextualizada, a integração entre saúde e educação pode potencializar o fortalecimento da cidadania, da autonomia, além do enfrentamento de desafios coletivos.

4.2. Análise do Artigo 2 - “A construção da demanda e a interação de profissionais em ações educativas do Programa Saúde na Escola”

O segundo artigo, de Paiva *et al.* (2020), intitulado “A construção da demanda e a interação de profissionais em ações educativas do Programa Saúde na Escola”, estuda como se constroem a demanda por ações educativas no Programa Saúde na Escola (PSE), com foco na prevenção do HIV/aids, e como se dá a interação entre profissionais da saúde e da educação nesse processo. A pesquisa, de natureza qualitativa descritiva-exploratória, foi realizada por meio de entrevistas com 6 profissionais que realizam ações educativas em escola pública, bem como observações em uma escola pública, com uma turma do 5º ano, permitindo compreender elementos dessa atuação intersetorial.

A pesquisa discute a construção da demanda por ações educativas no contexto do Programa Saúde na Escola (PSE), que ocorrem de forma situada, sendo fortemente influenciada pela atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Conforme Paiva *et al.* (2020, p. 6), “os ACS constroem uma relação com os alunos onde existe a responsabilização pela não contaminação do HIV”.

Conforme os dados de campo, os/as autores/as observam que o cenário epidemiológico do município estudado orientou a escolha das estratégias, como a utilização de um vídeo educativo com informações clínicas sobre o HIV/aids. A

atividade realizada apresentou limitações, entre elas o uso do termo “aidético”, que é inadequado por reforçar estigmas e preconceitos contra as pessoas que vivem com HIV/aids. A percepção dos/as profissionais sobre a vulnerabilidade dos/as estudantes motivou a tentativa de ampliar o debate, incluindo reflexões sobre direitos e discriminações, por meio da história de uma menina vivendo com HIV. Isso é possível observar no trecho abaixo:

uma ACS iniciou a contar uma história que falava de uma menina com sorologia positiva para o HIV. A profissional falou para os estudantes que essa realidade não estava longe deles e que se isso acontecesse deveriam agir contra o preconceito. Então, foi direcionado aos alunos uma série de questionamentos como: “Vocês concordam que ela (a aluna) represente risco para os demais colegas da escola, sim ou não?; “Ela tem direito de estudar? O que vocês fariam num caso como esse?” (Paiva, 2020, p. 7).

De acordo com os/as autores/as, essa dinâmica provocou reflexões iniciais nos/as alunos/as, que responderam afirmativamente sobre os direitos à educação e a inclusão, mas sem aprofundamentos. Ao final da atividade, observaram uma retomada do foco na prevenção e diagnóstico, com informações técnicas .

O artigo também reflete sobre a participação conjunta dos/as profissionais de saúde e da educação nas ações educativas do Programa Saúde na Escola, destacando a importância dos/as professores/as nesse processo. Para os/as autores/as, embora o PSE proponha uma atuação articulada entre saúde e educação, na prática essa inserção ainda é frágil.

Nas palavras de Paiva et al. (2020, p. 8) “a participação dos professores se resume em conduzir a turma e “controlar” os alunos mais agitados” evidenciando, na experiência analisada, uma participação limitada dos/as professores nas ações. Essa ausência de trabalho articulado comprometeu, segundo os/as autores/as, o potencial educativo da ação.

Os/as autores/as apontam que “a equipe [de saúde] que atua no PSE percebe a importância da participação dos professores, porém, os mesmos apontam a insegurança nos professores para abordar o tema HIV/AIDS” (Paiva et al., 2020, p. 2). Os/as autores/as defendem a “necessidade de investimento na formação de professores para o desenvolvimento de estratégias educativas que os auxiliem a lidarem com atitudes que extrapolam o “padrão desejado” e os conteúdos previamente planejados” (Paiva et al., 2020, p. 14).

A falta de preparo para lidar com temas como a promoção da saúde na escola, leva muitos professores/as a transferir essa responsabilidade para outros/as profissionais. Nas palavras de Paiva et al. (2020, p.14), “talvez, por estas deficiências, alguns educadores sintam a necessidade de se impor limites aos educandos e delegar tal tarefa a outras “especialidades”. Assim, “mesmo entendendo a relevância do assunto, evidencia-se a dificuldade que esses trabalhadores possuem para superar o ensino disciplinar e de trabalhar temas transversais como o da saúde” (Paiva et al., 2020, p. 14).

4.3. Análise do Artigo 3 - “Jogo de Tabuleiro como Dispositivo de Informação sobre HIV/AIDS para Idosos”

O terceiro artigo analisado, de autoria de Melo *et al.* (2022), é intitulado de “Jogo de Tabuleiro como Dispositivo de Informação sobre HIV/AIDS para Idosos”. O artigo apresenta estudos sobre o conhecimento dos idosos sobre sífilis e HIV. Os/as autores/as mencionam que a maioria dos/as participantes acreditava que a picada do mosquito poderia transmitir o vírus HIV, assim como a relação sexual desprotegida. Após a intervenção educativa, entretanto, verificaram mudanças nos conhecimentos sobre as formas de transmissão.

O artigo aborda o jogo de tabuleiro “Mural do Risco”, desenvolvido em duas fases: 1) validação do conteúdo do jogo e 2) validação do conteúdo do guia de uso. A coleta dos dados foi feita nas cinco regiões, além da primeira rodada ter sido fundamental para a construção do guia de uso, e foi realizada segundo Melo et al. (2022, p. 3), com “os juízes da área da saúde e quatro para os juízes de outras áreas (designers artistas gráficos e pedagogos da EJA)”. Entre os critérios de inclusão, estavam: experiência mínima de três anos na área e qualificações profissionais comprovadas. Durante a validação, os/as juízes sugeriram ajustes no layout do jogo, no tamanho do tabuleiro e inserção de imagens relacionadas ao sexo anal (Melo et al., 2022, p. 3).

Na segunda fase, referente ao guia de uso, foram estabelecidos 24 pontos, e uma das recomendações foi a retirada da palavra “vírus” antes de HIV. O resultado foi um recurso educacional voltado para idosos da EJA. Segundo Melo *et al.* (2022, p. 8), “o ‘Mural do Risco’ inova na abordagem lúdica da prevenção do HIV/AIDS por

meio de um jogo de tabuleiro, com ilustrações de idosos em diferentes situações cotidianas que podem envolver a contaminação pelo HIV/AIDS”.

O artigo destaca, também, a importância da escola como espaço de educação em saúde e de combate aos estigmas e preconceitos em relação às pessoas na terceira idade. Nas palavras dos/as autores/as, “foram realizadas reflexões e alterações sugeridas no domínio ‘Relevância’, com foco na desconstrução do estigma e da discriminação social no contexto senil e do HIV/AIDS” (Melo et al., 2022, p. 9). Assim, nessas discussões do artigo fica evidente a importância da escola como lugar para abordar sobre a educação em saúde e combater o estigma e o preconceito, como é afirmado anteriormente. Por fim, o artigo traz que o jogo aguarda para ser introduzido nas escolas da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

4.4. Discussões

A escola é reconhecida como um espaço de promoção de saúde. Nas palavras de Valadão, “a saúde é gerada nos ambientes em que as pessoas vivem, amam, trabalham e divertem-se” (2004, p. 22). No entanto, na análise observamos que, quando existentes, a abordagem sobre o HIV/aids nas escolas é limitada por práticas biomédicas, desenvolvidas por meio de métodos tradicionais, opostas a uma perspectiva emancipadora de educação. Como afirma Paulo Freire (1987, p. 33), “a concepção “bancária” da educação”, oposta à educação emancipadora, é aquela “em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”, assim está distante da educação voltada à realidade social dos/as alunos/as.

A escola tem um potencial para ser um espaço de promoção de saúde, entretanto, como observamos com esta pesquisa, ainda são escassas as práticas pedagógicas críticas e dialógicas sobre os temas da saúde, sobretudo o HIV/Aids, nas escolas. Esse cenário reforça a necessidade de que o tema esteja presente no currículo escolar, como destaca Paraíso (2023) sobre a retirada, no texto da BNCC, de temas como sexualidade, com efeitos no retrocesso do trabalho educativo escolar voltado à promoção da cidadania, inclusão e o enfrentamento de preconceitos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com Valadão (2004), que a escola deve ser reconhecida como um espaço de promoção de saúde. Para a autora, “a saúde é gerada nos ambientes em que as pessoas vivem, amam, trabalham e divertem-se” (Valadão, 2004, p. 22). No entanto, analisando os três artigos encontrados, percebemos que a promoção da saúde na escola é limitada por práticas formais e biomédicas, sem conexões com a realidade dos/as alunos/as. Paiva et al. (2020) reforçam essa posição ao mostrarem que, mesmo em ações educativas realizadas pelo Programa Saúde na Escola (PSE), prevalece uma abordagem técnica e centrada na prevenção, como o uso de vídeos com linguagem inadequadas, como o termo “aidético”, que reforça preconceitos e estigmas.

Como destaca Valadão (2004, p. 108), “tratar a escola como extensão do sistema de saúde envolve, entre outras coisas, a incorporação do professor e demais profissionais da educação à equipe de saúde”. Essa integração exige formação continuada desenvolvida em conjunto entre professores/as e profissionais da saúde. Para Soares e Goi (2025, p. 1), “a efetiva promoção da saúde na escola depende de investimentos sistêmicos em formação docente e infraestrutura, além da articulação concreta entre as políticas públicas de saúde e educação”. A elaboração e o uso de materiais didáticos específicos para abordar o tema do HIV/aids na escola. O jogo “Mural do Risco”, apresentado por Melo et al. (2022), é um exemplo disso, com o detalhe de ser voltado para o público da EJA.

Além disso, durante o desenvolvimento da pesquisa, constatamos a dificuldade em localizar produções científicas sobre promoção da saúde na escola com foco em HIV/aids na área da Educação. Essa escassez de produções acadêmicas evidencia a necessidade de ampliar os estudos e debates sobre o tema, reforçando a urgência de novas investigações que subsidiem práticas pedagógicas mais críticas e contextualizadas.

Consideramos fundamental que a escola se ocupe de incluir em seus currículos as temáticas da promoção da saúde, especialmente, HIV/aids. Para isso, é preciso que os cursos de formação, inicial e continuada de professores/as também abordem essas discussões. Além disso, é importante o diálogo entre escolas, profissionais de saúde e comunidade escolar, já que essas questões são

consideradas difíceis e até polêmicas. Contudo, elas são fundamentais se queremos ofertar uma educação emancipatória, que contribua com a vida dos/as estudantes.

Acreditamos que a educação desempenha um papel fundamental na vida dos seres humanos e a escola é um ambiente para compartilhamento de experiências e conhecimentos. O/A pedagogo/a é o/a profissional que pode contribuir com esse processo, criando múltiplas formas de ensinar e de aprender. Desejamos que o nosso trabalho possa contribuir para que outros trabalhos sobre o tema possam ser feitos no nosso curso, contribuindo assim para a formação de pedagogos/as engajados/as com a discussão de temas tão necessários e atuais.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico – HIV e Aids: 2023**. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2023/hiv-aids/boletim-epidemiologico-hiv-e-aids-2023.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial da União**: seção 2, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 Nov. 2025

BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 02 set. 2025.

CORRÊA, Daniel Alves; CORRÊA, Danilo Alves. **Utilização de métodos educativos com adolescentes a respeito da sexualidade na escola: uma revisão bibliográfica**. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, ano 11, n. 38, p. 51-56, out./dez. 2013.

FÉLIX, Jeane. **"Quer teclar?"**: aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio De Janeiro ; São Paulo: Paz & Terra, 2002.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio De Janeiro ; São Paulo: Paz & Terra, 1987

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019**. Rio de Janeiro: IBGE; 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 25 de out. de 2025.

MAIO, Eliane Rose; OLIVEIRA, Márcio de; PEIXOTO, Reginaldo. Discussão sobre gênero nas escolas: ações e resistências. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 57–74, 2020. DOI: 10.22420/rde.v14i28.1083. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1083>. Acesso em: 13 nov. 2025.

MELO, Priscila de Oliveira Cabral; ABREU, Wilson Jorge Correia de; FEITOZA, Aline Rodrigues; BARBOSA, Aglauvanir Soares; MENDES, Ryanne Carolynne Marques Gomes; TEIXEIRA, Elizabeth; GUEDES, Tatiane Gomes. Jogo De Tabuleiro Como Dispositivo De Informação Sobre Hiv/Aids Para Idosos. **Cogitare Enfermagem**, [S. l.], v. 27, 2022. DOI: 10.5380/ce.v27i0.79013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/79013>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MUNHOZ, Liliane de Paula; NOLETO, Euzébia Oliveira. Pesquisa em educação e abordagem qualitativa: breves observações. **REVELLI: Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, Anápolis, v. 16, e202434, 2024. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/16199>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Maria da Conceição do Monte; GOI, Mara Elisângela Jappe. **Promoção da saúde no ambiente escolar: perspectivas docentes e implicações para a formação de professores**. Cadernos Cajuína, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e943, 2025. DOI: 10.52641/cadcajuina10i2.943. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/943>. Acesso em: 27 out. 2025.

PAIVA, Thiago Sousa; CORNELLI, Andressa Marques; VOIGT, Carolina Feijó Bitencourt; COSTA, Márcia Rosa da; SILVEIRA, Luiza Maria de Oliveira Braga. A construção da demanda e a interação de profissionais em ações educativas do Programa Saúde na Escola. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e967986680, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.6680. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/6680>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PAIVA, Thiago Sousa; COSTA, Marcia Rosa da; FERNANDES, Morgana Thais Carollo; ALVES, Camila Neumaier; SILVEIRA, Luiza Maria de Oliveira Braga. O paradoxo do planejamento das ações para a prevenção do HIV/AIDS em uma escola pública. **REFACS**, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. 18-26, 2020. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/4453>. Acesso em: 11 nov. 2025. DOI:10.18554/refacs.v8i1.4453

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos:** teorias e políticas. São Paulo: Contexto, 2023.

VALADÃO, Marina Marcos. **Saúde na escola:** um campo em busca de espaço na agenda intersetorial. 2004. Tese (Doutorado em Serviços de Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. DOI: 10.11606/T.6.2004.tde-12022007-152151. Acesso em: 08 Ago, 2025.